

Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra?

Mariane da Silva Pisani*

Resumo: Assim como os homens jogadores de futebol que passam pelos grandes centros de negócio do sistema futebolístico, as mulheres jogadoras de futebol também saem do Brasil em busca de novas oportunidades na carreira. E apesar das migrações das mulheres possuírem um fluxo reduzido, se comparado ao fluxo migratório dos homens, o número de jogadoras que sai do país em busca de novas oportunidades de trabalho cresce expressivamente a cada ano. Mesmo que no Brasil a mulher jogadora de futebol seja uma “mercadoria sem valor”, conforme declara uma atleta da modalidade, no exterior, as brasileiras são lembradas e contratadas quase sempre como primeira opção. Este paper busca levantar questões sobre mercado, redes de contato, deslocamento e migrações de mulheres jogadoras de futebol.

Palavras-chave: futebol, migração, mulheres.

Introdução

Ao resgatarmos um pouco da história do futebol praticado por mulheres no Brasil, veremos que esse se trata de um esporte controlado e proibido. Entre as leis e os decretos, entre o controle sobre os corpos e as punições para as mulheres que jogassem bola podemos assumir que o futebol “feminino” brasileiro possui menos 35 anos de história oficial e legalizada (PISANI, 2012; FRANZINI, 2005; MOURA, 2003). Até o final da década de 1970, uma série de leis cerceou o direito da mulher de jogar bola sob os mais variados argumentos, esses geralmente de cunho preconceituoso e machista. Dizia-se naquela época que o futebol, assim como o boxe, o salto com vara, o pentatlo, o rugby, o polo e o atletismo, eram esportes demasiadamente violentos e, portanto, não compatíveis com a “natureza feminina”. Por “natureza feminina” e a ela atrelada estavam instituídos valores como discrição, paciência, elegância, graciosidade e sensibilidade. Às mulheres era reservado o espaço privado da casa e as tarefas que condiziam com o seu sexo: ser boa mãe e boa esposa. Acreditava-se ainda que as mulheres pertenciam ao “sexo frágil” e seus corpos, portanto, não aguentariam práticas esportivas intensas como o futebol.

Foi somente no ano de 1979, com a revogação da resolução 7/65 do Conselho Nacional dos Desportos, que as mulheres puderam finalmente entrar em campo e passaram a se organizar em times para disputar campeonatos estaduais e nacionais. Atualmente temos no Brasil diversos campeonatos que promovem jogos profissionais de futebol de mulheres. A *Copa do Brasil de Futebol Feminino*, patrocinada e organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), é o maior campeonato do país e conta com 32 equipes em seu quadro de competição, aproximadamente 770 mulheres jogam nesse campeonato se considerarmos 24 jogadoras por time. Com público

* Doutoranda na Universidade de São Paulo

pagante de 8.329 pessoas, o campeonato arrecadou no ano de 2011 um total de R\$59.087,00 reais, uma média de R\$7,00 o ingresso por pessoa. Vale destacar que a maior arrecadação em um jogo foi de R\$ 19.680,00 com a presença de 2.174 pessoas e a menor, de R\$60,00, para um público de 11 pessoas. Em paper apresentado pela antropóloga Carmen Silvia Rial, em Copenhagen em dezembro de 2010, mostra que essa arrecadação total é inferior à arrecadação da quarta divisão de futebol praticado por homens no Brasil.

Segundo dados da CBF, o país possui cerca de 400 mil jogadoras ativas (FRANZINI, 2005) e podemos considerar esse número expressivo tendo em vista o pouco tempo de estabelecimento do futebol de mulheres no Brasil. O cotidiano de uma jogadora profissional de futebol consiste em treinos diários: academia pela parte da manhã e treino em campo à tarde. Grande parte dessas atletas estuda e faz faculdade paralelamente aos treinos, uma vez que admitem que depois que encerram a carreira de jogadora é quase impossível continuar sobrevivendo do futebol. Tive conhecimento de alguns times que possuem ampla estrutura de centros de treinamento (CT), ou seja, pagam salários as suas atletas, conseguem arcar com as despesas de moradia e alimentação, oferecem fisioterapia, material esportivo (chuteira, camisa, shorts, meião) e transporte para as jogadoras (PISANI, 2012), mas times esses são poucos. A maioria das equipes não consegue arcar com todos os gastos da preparação de uma atleta de alto rendimento. Nesses times as jogadoras precisam trabalhar concomitantemente aos treinos e jogos. É preciso lembrar ainda que os times de futebol de mulheres sofrem constantemente com a instabilidade gerada pela falta de investimento e patrocínio. No início do ano de 2012, o Santos Futebol Clube encerrou as atividades da equipe feminina de futebol e o mesmo ocorreu com o Avaí Futebol Clube no ano de 2010.

Dentro deste cenário esportivo, por vezes precário, instável e de poucas oportunidades, as jogadoras de futebol transferem-se continuamente para os CT's que possuem melhor estrutura e que, por consequência, possam trazer melhorias para a prática desportiva individual de cada atleta. É comum que jogadoras ainda muito jovens saiam de suas cidades natais para atuar em times de outros estados. O estado de São Paulo é um destino bastante visado pelas jogadoras de futebol: primeiro, porque possui o maior número de times de futebol de mulheres do Brasil – no *Campeonato Paulista de Futebol Feminino* pudemos encontrar 18 times disputando a edição de 2012, contra 8 times no *Campeonato Carioca de Futebol Feminino de 2012* e 5 times no *Campeonato Paranaense de Futebol Feminino de 2011* -; segundo, porque a grande parte dos times do estado de São Paulo possuem boas estruturas para acolher e treinar os jovens talentos do futebol de mulheres.

Vale lembrar que além das jogadoras que realizam transferências e deslocamentos dentro do território brasileiro, existem aquelas que buscam novas oportunidades de trabalho fora do país. Como visto nas Tabelas de Transferência dispostas no site da CBF, para cada mil jogadores homens

que migram anualmente aparecem pelo menos dois nomes de mulheres (PISANI, 2011), e apesar das migrações das atletas possuírem um fluxo reduzido, se comparado ao fluxo migratório dos homens, o número de jogadoras que sai do país em busca de novas oportunidades de trabalho cresce expressivamente a cada ano.

Esse paper visa colaborar com o campo da antropologia do esporte ao trazer à tona a discussão sobre mercado, migrações e transferências de mulheres jogadoras de futebol. As análises e os estudos aqui apresentados são frutos da pesquisa etnográfica realizada para a escrita da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2012.

O mercado da bola: jogadora de futebol, mercadoria que ninguém compra

Pesquisas e dados do IBGE (2011) nos mostram que o mercado de trabalho brasileiro está fortemente marcado por uma persistente desigualdade de gênero e com o futebol, enquanto profissão remunerada, não é diferente. Realizando uma comparação, em termos percentuais, entre o salário de uma jogadora de um CT do oeste do estado do Paraná, que atua na posição de atacante titular, e o salário recebido por um atacante reserva do Atlético Paranaense no ano de 2012 – Rodriguinho¹ -, veremos que ela recebe apenas 2% do salário dele. As jogadoras vivem a *distinção do peso do trabalho*² (PAULILO, 1987) no seu dia a dia, principalmente quando planejam o futuro. A maioria delas possui a consciência de que, sem estudos, não conseguirão bons empregos depois que terminarem suas carreiras, e mais, sabem que o futebol dificilmente lhes renderá algum provento para depois que se aposentarem. Apesar disso, as jogadoras com quem conversei em trabalho de campo creem que o futebol é uma profissão e um meio de vida possível, mesmo que ainda seja pouco valorizado e mal remunerado.

Uma peça fundamental para fazer girar financeiramente o mercado da bola é a figura do empresário. Bitencourt (2009) nos mostra que a presença de empresários para mediar a relação jogador-clubes ajuda e favorece a circulação de atletas dentro do meio futebolístico. Jogadores não são mais objetos de posse, contudo:

estão presos a relações contratuais com empresários e clubes, assim como atrelados a direitos federativos regulados pelos organizadores do esporte, a partir de uma complexa trama que envolve as quantidades e qualidades do capital de que o atleta dispõe para compreender e interferir na regulação de suas opções e possibilidades (BITENCOURT, 2009:142).

Segundo as jogadoras de futebol, é difícil para uma atleta que tenha empresário conseguir algum contrato bom no Brasil, pois os times tendem a refutar aquelas que venham amparadas pela presença empresarial. Uma vez que não possuem empresários, a circulação de jogadoras de futebol

fica comprometida. Quando ocorre é por falência de algum clube ou porque seus contratos findam:

Mariane: Mas o dinheiro do futebol dos homens não vem do patrocínio?
Jogadora B: Vem sim, mas eles ganham mais. Só que investem por quê? Porque são homens, porque sabe que pode dar retorno, porque se quiser vender tem pra onde vender. A mulher não tem para onde vender, ninguém compra. Você entendeu? É uma mercadoria que ninguém compra!³

Sobre elas, portanto, não incide nenhum valor de mercado, seja para a venda ou para a troca entre clubes, pois as transferências -nacionais ou internacionais -não geram lucros ou renda. Bitencourt (2009) nos diz ainda que, através de empresários, jogadores conseguem bons contratos para atuar em grandes clubes e, dessas negociações, aqueles recebem tanto sobre as transações quanto sobre os salários dos atletas. Esta prática não existe no sistema futebolístico de mulheres.

Deslocamentos e migrações de mulheres jogadoras de futebol

Descrever os deslocamentos migratórios de mulheres jogadoras de futebol é evidenciar como eles se entrelaçam às questões de globalização e mercantilização vividas no sistema futebolístico. O Brasil é atualmente um dos maiores exportadores de "pés-de-obra", milhares de homens jogadores de futebol saem do país anualmente para atuar em times de outras localidades. Como já visto em outros estudos (RIAL, 2006, 2008, 2009a, 2009b; PISANI, 2011), a circulação dos principais nomes do futebol brasileiro passa pelos grandes centros de negócios futebolísticos como a Inglaterra, a Espanha, a Itália e a Alemanha. Estas localidades ditam algumas estruturas e lógicas do sistema futebolístico brasileiro, sobretudo para o futebol praticado por homens.

Segundo Nina Tiesler, nos últimos vinte anos um fenômeno totalmente novo surgiu nos estudos de gênero, migração, mulheres e esporte: a migração internacional de mulheres jogadoras de futebol. Segundo ela, "just as boys all over the world, also a growing number of girls dream about becoming a professional footballer and pursue this dream at intensively investing into their skills over years" (2011). Tiesler nos fala ainda que existem mais de 30 milhões de futebolistas do sexo feminino registradas na *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), mas apesar disso, ganhar a vida como jogadora de futebol só é possível em 17 dos 168 países listados pela FIFA. Isso significa que "for highly talented and skilled women in 90% of the countries that they actually have to leave their home in order to act as professionals" (TIESLER, 2011), ou seja, apesar de serem jogadoras com talento reconhecido é preciso que saiam de seus países para poder viver do futebol. Como, por exemplo, a brasileira Marta que é mundialmente famosa por ter vencido por cinco vezes consecutivas o Troféu de Melhor Jogadora de Futebol do Mundo, mas que se vê obrigada a jogar

fora do país -ela atua na Liga Sueca -uma vez que o Brasil não possui políticas de investimento para o futebol de mulheres.

A partir de uma pesquisa realizada por Vera Botelho (2010), tomamos conhecimento de que o número de atletas que emigram cresce a partir dos anos 2000, e que a maioria sai para atuar nos EUA. Ainda segundo Botelho, as principais razões para as migrações de mulheres que praticam futebol são: experiência cultural “besides playing football I also wanted to have the adventure and to live in another country and work on another language (Sara-USA-2009)”; ganhos econômicos “the salary was not high but they offered me good living conditions: housing, car, extra-money for food (Merete-Germany-1999)”; fixar residência/novas oportunidades de vida “Yes, definitely. There are so many more opportunities in the US, especially in the sport world (Cecilie-USA-2007)”; por amor ao jogo “It was for the love of the game but also for the money (Pia-Italy-1985)” (BOTELHO, 2010).

Se Tiesler e Botelho nos falam que as migrações de mulheres jogadoras de futebol é um fenômeno recente que existe a partir dos últimos 20 anos, Jean Williams nos diz que “an international network of women's football existed from mid 1960s, while into the 1980s UEFA/FIFA were debating there was sufficient depth in competitive women's football to host 'official' tournaments” (2011). Como exemplo ela cita a jogadora Sue Lopez, inglesa nascida em 1945, que jogou no Southampton Women's Football Club – Inglaterra -nas décadas de 1960 e 1980, mas transferiu-se, nesse meio tempo, para a Itália, para jogar pelos times de lá na década de 1970 (WILLIAMS, 2011). Assim como os homens brasileiros que migram para os grandes centros de negócio do sistema futebolístico, as mulheres também saem do Brasil em busca de novas oportunidades na carreira, porém, seguem outra tendência, uma vez que elas não fazem, em sua grande maioria, migrações para o continente Europeu. O destino mais visado por essas mulheres é os Estados Unidos da América.

A escolha dos EUA como o principal centro migratório das jogadoras dá-se pelo fato de que o futebol de mulheres nos EUA investe na modalidade desde as categorias de base, as categorias infanto-juvenis. Existem anualmente as Ligas Escolares e as Ligas Universitárias de futebol de mulheres que incentivam a participação das adolescentes dentro da modalidade. No ano de 2009, foi formada uma Liga Americana Profissional denominada Women's Professional Soccer (WPS) – para a realização de competições de alto nível de futebol praticado por mulheres. A Women's Professional Soccer era composta por sete equipes nas duas primeiras temporadas (2009 e 2010) e seis equipes na temporada de 2011. Em 30 de janeiro de 2012, a liga anunciou a sua suspensão, as causas oficiais para o fim da WPS foram as discussões internas existentes entre as pessoas da

organização, bem como a falta de recursos investidos e o pouco retorno financeiro obtido.

No início da primeira liga, em 2009, era permitido a cada time norte americano assinar contrato com até cinco jogadoras estrangeiras, a escolha das atletas foi realizada pelo sistema draft, que significa recrutamento. O draft existe para garantir o equilíbrio da competição e através dele cada equipe de futebol de mulheres teve direito a escolher uma atleta estrangeira, por rodada, para compor o grupo. É interessante notar que quatro das cinco primeiras jogadoras estrangeiras escaladas para atuarem na Liga, no ano de 2009, eram brasileiras. Já no primeiro ano de competição da Women's Professional Soccer, dez jogadoras brasileiras estavam inscritas na Liga, contra quatro japonesas, três australianas, três canadenses, duas francesas, duas inglesas, duas suecas, uma chinesa e uma islandesa. Mesmo que no Brasil a mulher jogadora de futebol seja uma “mercadoria sem valor”, no exterior as brasileiras são lembradas e contratadas quase sempre como primeira opção.

Tabela 1 – Rodadas do draftem 2009 na Women's Professional Soccer – EUA. Fonte: www.socceramerica.com -Tabela feita por Mariane da Silva Pisani

<p>1^a Rodada Bay Area: Formiga (Brasil) Boston Breakers: Kelly Smith (Inglaterra) Los Angeles: Marta (Brasil) St. Louis: Daniela (Brasil) Chicago Red Stars: Cristiane (Brasil) Washington Freedom: Homare Sawa (Japão) Sky Blue FC(NJ/NY): Sarah Walsh (Austrália)</p>	<p>3^a rodada Bay Área: Eriko Arakawa (Japão) Boston Breakers: Maycon (Brasil) St. Louis: Lotta Schelin (Suécia) Washington Freedom: Lisa De Vanna (Austrália) Chicago Red Stars: Karen Carney (Inglaterra) St. Louis Melissa: Tancredi (Canadá) Sky Blue FC (NJ / NY): Ester (Brasil)</p>
<p>2^a Rodada Bay Area: Christine Sinclair (Canadá) Boston Breakers: Fabiana (Brasil) Los Angeles: Aya Miyama (Japão) Washington Freedom: Sonia Bompastor (França) Chicago Red Stars: Heather Garriock (Austrália) St. Louis: Renata Costa (Brasil) Sky Blue FC (NJ / NY): Rosana (Brasil)</p>	<p>4^a rodada Bay Area: Erika (Brasil) Boston Breakers: Shinobu Ohno (Japão) Los Angeles: Duan Han (China) Washington Freedom: Louisa Necib (França) Chicago Red Stars: Caroline Jonsson (Suécia) Los Angeles: Margret Lara Vidarsdottir (Islândia) Sky Blue FC (NJ/NY): Kelly Parker (Canadá)</p>

Jean Williams levanta, como característica marcante do futebol de mulheres, a existência das redes informais que se criam entre as jogadoras que atuam fora do país. Segundo jogadoras de futebol que já atuaram fora do Brasil, essas redes funcionam da seguinte forma: quando uma atleta é descoberta por um olheiro e recebe o convite para jogar ela geralmente aceita a oportunidade e migra. Chegando ao exterior, o técnico do time estrangeiro menciona a necessidade de alguma outra jogadora e elas prontamente indicam uma atleta que esteja no Brasil. O técnico contata a atleta indicada, que geralmente é amiga da jogadora que já está no exterior, e faz o convite para que ela também jogue no time. As jogadoras deixam bem claro que, mais do que ser uma boa atleta, é preciso ter um círculo de convivência e de relacionamento muito bom. Não adianta só ir para os treinos e jogos e fazer gols. Se fora de campo não tiver um bom relacionamento com as colegas, menores serão as chances de ser lembrada no exterior. Além disso, uma vez que as mulheres não possuem empresários que as auxiliam na transferência e adaptação ao novo país, geralmente essa ajuda vem de outras jogadoras brasileiras que já estão atuando no exterior. Nas redes informais criadas entre si, essas mulheres reforçam seus laços de amizade e garantem uma permanência maior nos times fora do Brasil, ajudando-se mutuamente na solução das dificuldades encontradas.

Jean Williams nos diz ainda que existem questões maiores e mais complexas relacionadas à migração que podem ser abordadas quando o assunto é futebol praticado por mulheres. Segundo a autora, o futebol das mulheres é negligenciado, excluído do sistema esportivo e ainda sofre com a falta de apoio econômico, como foi o caso da Liga Profissional Americana que decretou falência depois de três anos de atuação. Em virtude desses fatos, da instabilidade que assola as ligas/torneios, os clubes e as jogadoras promovem uma migração, por vezes forçada (2011). Como já mencionado, o time do Santos Futebol Clube encerrou suas atividades em janeiro de 2012 por falta de condições financeiras de sustentar a equipe de mulheres. O fim da equipe acarretou na migração forçada das jogadoras que viram-se obrigadas, então, a procurar outros times para continuar jogando. Assim, as jogadoras que antes atuavam em São Paulo tiveram que se deslocar para times do Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e outras cidades do interior de São Paulo. É bastante comum no cenário do futebol de mulheres que times declarem problemas financeiros e a quase falência, essa instabilidade de que nos fala Williams, e que assola o futebol de mulheres em nível nacional ou internacional, faz com que muitas jogadoras troquem anualmente de times, ora porque estes fecham, ora porque não podem mais manter todas as atletas na equipe.

Sobre processos migratórios, Glaucia Oliveira de Assis nos lembra que nas teorias migratórias da década de 1970 “havia um pressuposto de que os homens eram mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade” (2007:749). Esse pressuposto favorecia a ideia de que a migração era uma ação racional e individual dos homens e que as mulheres estariam confinadas a um papel secundário nesse processo, ou seja, ficariam na qualidade de apoio e suporte para esses homens migrantes, o que não se confirma quando o assunto é migração internacional de jogadoras de futebol. Ainda segundo Oliveira de Assis, “as imigrantes contemporâneas beneficiam-se da expansão das oportunidades educacionais e de emprego, além de uma legislação liberalizante no que se refere ao divórcio e às discriminações de gênero” (2007, p. 750). Isso fica evidente na migração de algumas jogadoras de futebol, que aproveitam a oportunidade para estudar enquanto realizam suas migrações profissionais.

Outro ponto interessante ressaltado por Oliveira de Assis diz respeito às motivações para a migração das mulheres. Fatores não somente econômicos, interferem nas decisões pela migração. Segundo ela, “as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada” (2007:751). Não creio que as jogadoras de futebol brasileiras que migram estejam conscientes desse rompimento com posições subordinadas enfrentadas por mulheres desportistas no Brasil. Entretanto, conforme levantado por Jean Williams, as jogadoras de futebol que migram rompem com a ideia, muitas vezes existente no imaginário social e histórico de seus países de origem, de que o futebol é um esporte de homem (2007), portanto somente valorizado se praticado por atletas homens. Se no seu país de origem não são valorizadas, ou reconhecidas como desportistas da modalidade, quando atuam em outros lugares angariam para si valorização, respeito e retorno econômico maior que o recebido no próprio país. Sue Lopez, que migrou para Itália em 1970, nos diz que “I realised playing in Italy that I was one of the best players, and as a successful striker, very valued, and respected by everyone I encountered – unlike in England some times!” (WILLIAMS, 2011:11). E, assim como ela, as jogadoras brasileiras também reconhecem que, no exterior, a profissão de futebol de mulheres é muito mais valorizada e respeitada.

Considerações

As migrações de jogadoras de futebol no Brasil ainda são pouco controladas e regularizadas pela CBF, haja vista que a própria não disponibiliza em seu site nenhum dado sobre a migração das mulheres, diferente do que faz com os atletas homens. Sobre eles, a Federação disponibiliza dados anuais sobre quantos jogadores saem, de que times se transferem e para onde (time e país) vão. Vale ressaltar ainda que, mesmo que sejam supervalorizadas enquanto atletas brasileiras no exterior, essas

jogadoras não movimentam nenhum dinheiro com suas transferências, pois só migram – seja para o exterior ou mesmo para outros times no Brasil – depois que seus contratos acabam. Nem o time para onde vão, nem o time de onde saem lucram com essas transferências. Como lembra uma jogadora de futebol “mulher não è mercadoria de valor”, e não è pelo fato de que ninguém a quer, – está mais do que comprovado de que, no exterior, o talento da atleta brasileira é requerido -mas pelo fato de que elas não movimentam nenhum capital. Parece comum que o futebol de mulheres, seja no Brasil ou no exterior, sofra com a falta de investimento.

Os limites dessas migrações encontram-se, portanto, nessa ausência de mercado no sistema futebolístico de mulheres. Quando saem do Brasil para jogar é por convite – geralmente inesperado, de alguma amiga; ou para estudar e até por acaso. A maior parte das atletas migra em virtude da rede informal de contatos que possuem, outra parte migra com o pretexto de estudar, mas acaba atuando em times de futebol no exterior.

É através dessas migrações, as jogadoras sentem-se valorizadas, reconhecidas e prestigiadas. Elas relatam que quando jogam em times de fora do Brasil são mais reconhecidas por seu trabalho e possuem até maior quantidade de fãs. Além disso, atuar em um time no exterior permite que a jogadora receba salários dignos, o que facilita o retorno e a ajuda financeira que oferecem aos seus familiares que ficam no Brasil. E quando voltam ao Brasil recai sobre elas uma maior valorização dentro do cenário esportivo, mas essa valorização ainda mostra-se pequena se comparada as outras modalidades esportivas onde existe a presença de mulheres.

Referência Bibliográfica

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. *No reino do queroquero: corpo e máquina, técnica e Ciência em um centro de treinamento de futebol uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2009.

BOTELHO, Vera. *Leaving the core? Emigration os Scandinavian Female footballers in Sport as a global labour market; female football migration*, 3-4. December 2010. University of Copenhagen.

FRAZINI, F. Futebol è coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 50, 2005, p. 315-328.

IBGE. Síntese de Indicadores 2011. (http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/sintese_defaultpdf_rendimentos.shtm . Acesso em novembro de 2012)

MOURA, Eriberto José Lessa de. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Dissertação de

Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2003.

OLIVEIRA ASSIS, Gláucia Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. *Revista Estudos Feministas*. v.15 n.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007

PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. *Revista Ciência Hoje*. Rio de Janeiro: SBPC, vol. 5, nº 28, p. 64-70, 1987.

PISANI, Mariane da Silva. *Muito samba e pouco trabalho: A representação dos jogadores de futebol brasileiros que atuam no exterior*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina Curso de Ciências Sociais. Florianópolis, 2011.

RIAL, Carmen. “Por que todos os ‘rebeldes’ falam português?” A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje”. In: CARMO, Renato; MELO, D.; BLANES, R. (orgs.). *A globalização no divã*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009a.

_____. *Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol*. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2009b -v. 109

_____. Rodar: A circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. In *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: ano 14, nº 30, jul/dez 2008.

_____. Jogadores brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Vol. LXI, nº 2, jul-dez 2006.

TIESLER, Nina C. Main trends and patterns in Women’s Football Migration. 2011. Acesso em: http://www.diasbola.com/PDF/foomios/TIESLER_Main%20Trends%20WFM_Maastricht.pdf, 2012.

WILLIAMS, Jean Williams. Women’s Football, Europe and Professionalization 1971/2011: *Global Gendered Labour Markets*. 20 de setembro de 2011.

¹ Acesso ao site em novembro de 2012. http://www.lancenet.com.br/atletico-paranaense/Ex-presidente-Atletico-PR-revela-salarios-jogadores_0_575942463.html

² “Profissões consideradas femininas têm remuneração sempre inferior aquelas consideradas masculinas. Mesmo em profissões iguais e cargos iguais, os dois sexos têm remunerações distintas” (1987)

³ Trecho de entrevista realizada com uma jogadora profissional de futebol brasileira em junho de 2012.